

Um facto

?Quero-me confessar, Padre? Não estou certa de ser capaz? Pode confessar-me, Padre? Tenho um homem?
?Como? Oh não, de forma alguma! Evidentemente que somos casados. De branco, órgão e tudo. Incenso e lírios. E eu disse sim, e todos estavam contentes e a minha mãezinha chorava e??

??

?Só um momento. Já lá vamos. Eu era uma pobre rapariguinha. Olhos grandes e tranças. Ele chegou de carro. Era grande e forte. Levou-me ao cimo de um monte e, com voz clara e ressoante, falou do futuro. Tinha tantos planos. Eu acariciava os botões brilhante de metal da sua farda. Gostava de aproximar o meu rosto deles e ver-me reflectida como um espelho.?

??

?Sim, sim, Padre. Evidentemente: eu sabia que isso era vaidade. Estou arrependida. Depois casámos.?

??

?Não, de maneira nenhuma. Ele não mudou depois de casarmos. Sempre foi firme, mas também muito carinhoso. É claro, tivemos as nossas desavenças, mas nunca nada de grave. Estávamos quase sempre juntos, praticamente nunca me deixou só.?

??

?Deus meu, Padre, como pode pensar uma coisa dessas? Francamente? Sim, já ouvi falar disso, mas ele não é. Nunca. Nada que se pareça.?

??

?Talvez. Não sei ao certo. Mas não foi ele quem veio confessar-se, fui eu. Estou aqui em busca de ajuda. Preciso dos seus conselhos. Quero ser con?solada. Não, não estou a chorar. Pegue na minha mão, Padre.?

??

?Pois. É claro que casei com ele por amor. Qual é o meu pecado? Pode perguntar a qualquer pessoa. Todos lhe dirão como ele é, respeitado e cheio de boas qualidades.?

??

?Como??

?Não, nunca. Defacto, jamais. Nunca lhe fui infiel, nem mesmo em pensamentos. Sempre fui uma esposa fiel. Acredita-me, Padre??

??

?Não.?

??

?Não.?

??

?Também não.?

??

?Qual é então o meu problema? Padre, eu vim aqui? Não! É inacreditável. Depois de ter vivido sete anos com ele? O Verão passado fomos de férias. Convenci-o a descansar. Tem um trabalho importante, muito trabalho, de enorme responsabilidade. Todo o país? Uma manhã, ao pequeno almoço, sentávamo-nos nós um em frente do outro. Atrás dele estava uma janela aberta. Por ela via eu o jardim, as árvores? O papel da parede da sala tinha desenhos de florinhas, milhares de florinhas cor-de-rosa. Erguia ele a chávena quando o olhei. Não havia qualquer razão especial ou intenção atrás do meu olhar. Foi então que vi??

??

?Que vi? Como é que só após sete anos reparei? Depois de partilhar a sua mesa e o seu leito? Aconselhe-me, Padre, porque pequei.

??

?Foi só então que dei conta que ele era de plasticina.?

??

?Sim, completamente. Todo artificial. Inclinei-me para ele. Os meus olhos deviam estar muito esgazeados, porque ele pousou a chávena e disse calmamente: - Que aconteceu? ? Não, desta vez não estou enganada. Sempre for a de plasticina. Todo! Mas porquê, porque nunca reparara antes? E agora que vai ser de mim??

??

?Anulação do casamento? Mas Padre, isso é impossível! ? Temos filhos.?